

A Imprensa e as Masculinidades Trans: Um Olhar Crítico sobre O Liberal e o Correio de Carajás¹

Dom Condeixa de Araujo²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa

RESUMO

Este trabalho analisa como as transmasculinidades são representadas na imprensa paraense, com foco em dois dos principais veículos da região amazônica oriental: os jornais O Liberal e Correio de Carajás. A partir da busca por três descritores — “pessoa transmasculina”, “homem trans” e “transmasculinidades” —, investigamos o modo como essas identidades são (in)visibilizadas e enquadradas pelas narrativas jornalísticas. O objetivo foi compreender de que forma a imprensa regional colabora na construção social das masculinidades trans. Os resultados parciais indicam que há uma baixa visibilidade das transmasculinidades. A pesquisa contribui para o debate sobre a responsabilização ética da mídia na produção de representações sobre identidades dissidentes de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: transmasculinidades; mídia regional; performatividade de gênero; Amazônia

INTRODUÇÃO

A cobertura jornalística sobre pessoas transgênero ainda é marcada por silêncios, estigmas e enquadramentos normativos. No caso das transmasculinidades — identidades que têm historicamente menos visibilidade que as transfeminilidades — esse apagamento é ainda mais acentuado, sobretudo fora dos grandes centros urbanos. Este estudo investiga como a imprensa da Amazônia Oriental, por meio dos jornais O Liberal e Correio de Carajás, tem representado pessoas transmasculinas, a partir dos descritores “pessoa transmasculina”, “homem trans” e “transmasculinidades”.

O Liberal é um jornal brasileiro que circula em Belém e maior parte do Pará desde o ano de 1946. É considerado um dos veículos mais lidos do Estado e o único jornal com prêmios internacionais no Norte/Nordeste. A tiragem média do jornal é de 40 mil exemplares durante a semana, batendo o número de 87 mil aos domingos, colocando O Liberal como o jornal com o maior número de tiragens entre o Norte e Nordeste do país.

O jornal Correio de Carajás é um jornal impresso e eletrônico brasileiro que circula no sul e sudeste do Pará. Com sede em Marabá, o periódico foi fundado em 15 de janeiro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciência pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação em Saúde (PPGICS/Fiocruz), professor no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Unifesspa

de 1983 pelo jornalista Mascarenhas Carvalho da Luz, sendo o mais antigo ainda em circulação em Marabá, e um dos mais importantes meios de comunicação do Pará. A tiragem média do jornal é de 30 mil exemplares durante a semana, batendo o número de 40 mil aos sábados, colocando o Correio como um dos mais lidos no sul e sudeste do Pará.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo e documental, com foco na análise de reportagens, colunas, notas e entrevistas publicadas no site dos dois jornais entre os anos de 2018 a 2025. O corpus foi selecionado a partir da busca pelos descritores mencionados nos acervos digitais dos veículos. A análise foi orientada pelas categorias de visibilidade, enquadramento e discurso, buscando compreender os modos como os sujeitos transmasculinos são representados — ou excluídos — do debate público regional. Ao final da pesquisa, chegamos a 10 matérias em O Liberal e 14 matérias no Correio de Carajás.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa articula os conceitos de performatividade de gênero, de Judith Butler (2019), e de regime farmacopornográfico, de Paul B. Preciado (2020). Butler argumenta que o gênero é construído performativamente, ou seja, por meio da repetição de atos que reproduzem normas sociais de inteligibilidade. O sujeito, portanto, é um efeito dessas normas, e não uma essência anterior. Já Preciado propõe uma crítica à ênfase exclusiva no discurso e chama atenção para as tecnologias materiais — hormônios, cirurgias, protocolos médicos, mídia, pornografia — que regulam e produzem os corpos no capitalismo contemporâneo. Ele denomina esse conjunto de dispositivos de regime farmacopornográfico. Ao combinar essas perspectivas, compreendemos que as representações da transmasculinidade na imprensa não apenas silenciam esses sujeitos, mas também colaboram para sua produção enquanto identidades reguladas por normas biomédicas, jurídicas e midiáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visibilidade	Presença de pessoas trans nas matérias	<i>SUS poderá fazer cirurgia, Brasil elege trans, Pabllo</i>
Enquadramento	Como a pauta trans é tratada: positiva ou negativa	<i>STF garante tratamento (positivo), Trans é assassinada (negativo)</i>
Discurso	Linguagem, fontes, pronomes, presença de estigmas	<i>Deputada expõe casal trans, Enquete sobre crianças trans</i>

Os resultados parciais indicam que há uma escassa cobertura jornalística sobre pessoas transmasculinas nos jornais analisados. Quando presentes, as representações tendem a enquadrá-las dentro de uma narrativa patologizante (centrada em diagnósticos e tratamentos médicos) ou sensacionalista (vinculada a episódios de violência, prisão ou exceção). Não se observa, na maior parte do corpus, a valorização de experiências, saberes e subjetividades transmasculinas em suas próprias vozes. Isso evidencia a persistência de uma lógica cisnormativa nos meios de comunicação, em que os sujeitos trans só se tornam “noticiáveis” quando encaixados em molduras que reificam a diferença como desvio ou anormalidade.

CONCLUSÃO

Ao problematizar a escassez e o enquadramento das representações das transmasculinidades na imprensa regional paraense, esta pesquisa reforça a necessidade de ampliar o debate sobre a responsabilidade social da mídia na construção de imaginários coletivos mais inclusivos e plurais. A articulação entre os aportes teóricos de Butler e Preciado permite compreender como gênero e visibilidade são produzidos simultaneamente por discursos e dispositivos técnicos, e como o jornalismo pode atuar tanto na manutenção quanto na subversão dessas normas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 Edições, 2020.